

Da natureza da arte de Rui Filipe

Cristina Azevedo Tavares

PROFESSORA ASSOCIADA DA FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

A pergunta pela natureza da arte de Rui Filipe (1928, Beira, Moçambique-1997, Lisboa) pode ser o elo que nos une em torno desta obra que provoca um efeito de surpresa. Rui Filipe tal como outros pintores de gerações próximas, como Nuno San-Payo (1926-2009) e Álvaro Perdigão (1910-1993) realizaram obras que necessitam de ser revisitadas e interpretadas à luz de uma historiografia da arte mais ampla e integradora, e sem dúvida que o Museu do Neo-Realismo muito tem contribuído para este conhecimento através da realização de exposições antológicas acompanhadas pela investigação complementar.

O pintor Rui Filipe realizou uma obra sólida com predomínio na pintura, embora tenha praticado a escultura e tenha aí revelado dotes, que lhe permitiriam seguir essa vocação, certamente. Mas foi a pintura que marcou a sua vida e a obra que nos deixou.

Conheci pessoalmente Rui Filipe nos anos noventa, ao tempo desenvolvia intensa atividade da crítica, e tinha publicado algumas observações sobre as exposições deste pintor que conhecia de nome no contexto da atividade artística da Sociedade Nacional de Belas-Artes.¹ Nesta sequência surgiu a oportunidade de ter uma conversa na sua casa onde se situava o atelier na Rodrigo da Fonseca, para escrever o texto para o catálogo da sua exposição individual *Ecos do Silêncio* na Galeria Ara em 1996. Lembro a conversa longa e densa, e, de uma personalidade masculina reservada, simultaneamente objetiva e sonhadora, mas afável. A exposição mostrava obras recentes, mas era sobretudo o núcleo abstrato das paisagens que me atraía mais, que me surpreendia, como houvera acontecido noutras ocasiões. “Em tempo de Nostalgia” foi o nome que atribuí ao texto, pois aquelas paisagens silenciosas, marcadas pela linha do horizonte onde tudo se desfazia ao longe,

¹ Mas de Rui Filipe lembrava a história que se tornou célebre pela polémica gerada pelo facto que numa exposição coletiva na Sociedade (Exposição 73) uma pintura sua, cuja temática teria continuidade, retratando um grupo de pessoas onde se encontravam as suas mulheres de lenço negro, *Multidão*, tenha sido colocada propositadamente por cima da escultura de Clara Menéres *Jaz Morto e Arrefece o Menino de Sua Mãe* (1973), uma solução encontrada por Fernando de Azevedo, o que foi entendido na altura como uma denúncia propositada sobre a Guerra Colonial.

eram o modo de relembrar a paisagem da Beira, em que a costa em quilómetros se abria ao mar sem fim à vista.

No entanto quando temos presente o conjunto da obra de Rui Filipe encontramos uma razão de ser destas magníficas paisagens abstratas que o pintor começou a pintar na década de setenta, a par da figuração coletiva ou do retrato. O fio condutor é complexo, e tal como em Álvaro Perdigão, a paisagem era produzida tanto quanto a figura, também aqui em complexos jogos geométricos de casarios, e até de ruínas, e em Rui Filipe caminhando da solidez do volume para o abstrato das formas. Pese embora, o facto de que este pintor nascido em Moçambique, se tenha envolvido com a atividade de design gráfico ao trabalhar para várias agências de publicidade, entre as décadas de sessenta a oitenta, voltando à pintura em pleno apenas em 1982, o que pode ter contribuído para a depuração formal que ocorre por essa altura, convidando à acentuação do abstrato.

Rui Filipe teve na sua juventude uma formação sólida que muito provavelmente nos auxilia a compreender as suas escolhas artísticas. Quando jovem estudou com Frederico Ayres (1887-1963, Moçambique), um *ar-livrista* conhecido pela sua paleta forte, discípulo de Veloso Salgado e de Carlos Reis que se integrava no tardo-naturalismo, e que na década de trinta abalou para Moçambique, dedicando-se à pintura e ao seu ensino. Realizando a sua primeira exposição individual em Lourenço Marques (1946), nesse ano viaja para Lisboa. Aqui estuda primeiro com Domingos Rebelo, um modernista da primeira geração companheiro de Amadeu de Souza-Cardoso em Paris, mas com uma formação mais académica. Depois no Porto é Dordio Gomes que é escolhido por Rui Filipe para seu mestre. Dordio Gomes, aquando a sua segunda estadia em Paris em 1926, ficaria profundamente marcado por Cézanne e o cubismo, e o lirismo expressionista de Franz Marc regressando a Arraiolos, sua terra natal, onde pinta motivos que daí retira. Mas é no Porto que Rui Filipe o encontrou, quando Dordio já ensinava na Escola de Belas Artes, e porventura, lhe passou o cultivar da solidez do traço e a volumetria das formas à maneira cubista, que muito contribuiu para a renovação do modo de ensinar daquela Escola.

Entre 1948 e 51 Rui Filipe estudou em Madrid com o pintor Vazquez Diaz (1882, Huelva-1969, Madrid) vindo a adquirir uma formação mais apurada do traço e da cor. Vazquez Diaz era um modernista partidário do neocubismo, reputado professor na Escola de Belas Artes de San Fernando, possuidor de um traço vigoroso e construtivo, dominando a figura e a paisagem num entendimento *cezanniano* da volumetria. Os afrescos de grandes dimensões que tinha pintado no Mosteiro de La Rábida (1927-30) em Huelva, testemunham as suas qualidades como retratista e pintor de história.²

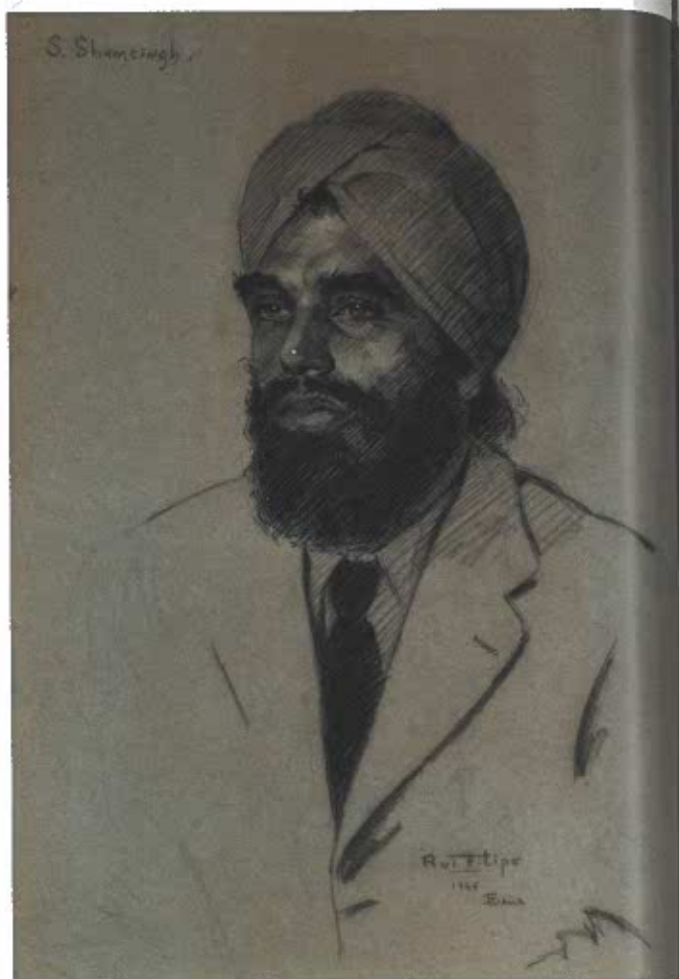
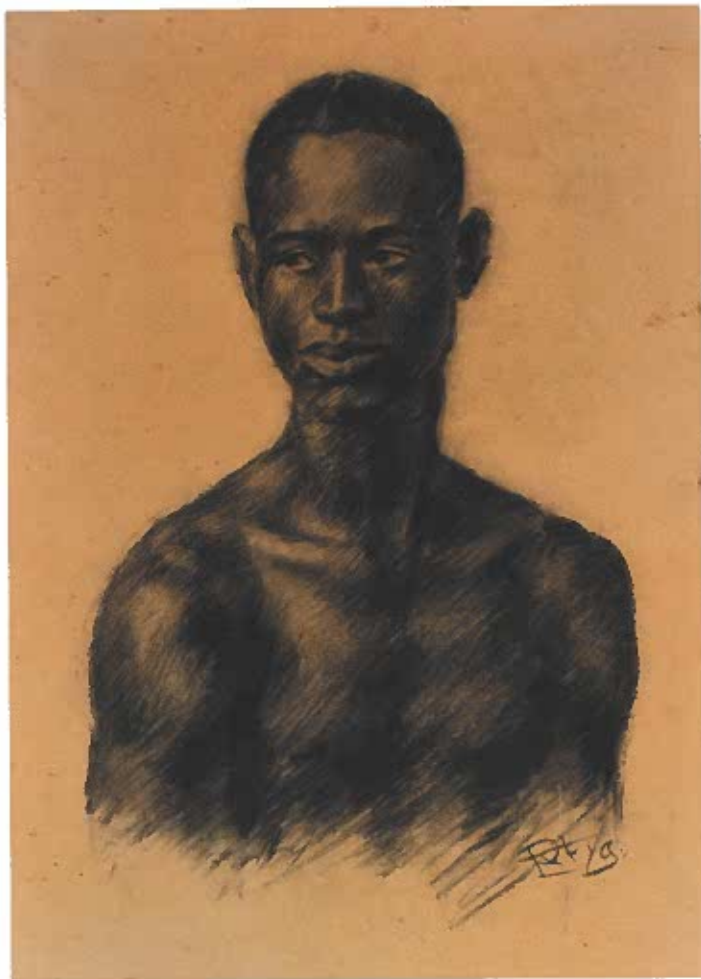
² Se Vazquez Diaz foi o retratista de um conjunto apreciável de personalidades da cultura espanhola contemporânea, é ainda como pintor de história que no Mosteiro de La Rábida nos relata a epopeia de Cristóvão Colombo. Neste Mosteiro o navegador genovês foi acolhido pelos monges franciscanos, e levou recomenda-



CAT. 30



CAT. 44



CAT. 4 CAT. 12

Quando analisamos o conjunto das obras selecionadas para esta exposição que corresponde sensivelmente a este período de aprendizagem com os mestres, encontramos uma presença forte do desenho a carvão e a grafite que integra vários autorretratos e uma série de retratos de gentes africanas, hindus, chinesas, de homens, mulheres e crianças, onde predomina o registo frontal a par do perfil e a pose a três quartos. Também a pintura de retrato surge inicialmente numa inscrição descritiva e realista, mas com um toque moderno na expressão e cromatismo como o a pintura (Sem título, 1946) que retrata uma mulher africana de lenço vermelho na cabeça e de xaile aos quadrados amarelos, azuis e vermelhos sobre fundo branco, destacando-se o rosto oval e de olhos grandes. [VER CAT. 17]

ção para contactos no estaleiro de Sevilha, antes de iniciar a viagem que o levou à descoberta da América Central em 1492.



Retrato de meu irmão [António]. Fotografia de [Rui Filipe]. [S.l., 1950]. Fotografia da pintura a óleo. Coleção Museu do Neo-Realismo (ESP/ART/FIL/C-4 Doc.495)

a tradição tardo naturalista, cujas manifestações mais vivas tinham lugar nos *Salões de Inverno* da Sociedade Nacional de Belas-Artes em Lisboa. Se a pintura *Pescador da Nazaré* (1951) se pode enquadrar neste âmbito, a construção simétrica da figura sobre um fundo que realça a arquitetura das redes de pesca a secarem ao sol, vem desmenti-lo: a linguagem do artista é outra, modernizando-se através do cubismo. Contudo podemos ainda enquadrar neste contexto o desenho intitulado *Mulher do Povo* (1952) ou a pintura *El Ciego* (1951-52) e o estudo para pintura desses anos intitulado *Cegos Músicos* do que resulta a pintura com o mesmo nome e datada de 1953. Esta temática algo tradicional, tratada no contexto oitocentista, mais especificamente do romantismo em que *O Cego Rabequista* de José Rodrigues (1855) é um bom exemplo, projeta-se ainda na lembrança de Courbet em Manet na pintura de grandes dimensões intitulada

Na década de quarenta Rui Filipe realizou um autorretrato a óleo (1946). Este retrato a três quartos que vive muito da modelação, recorta sobre um fundo de cinzentos o rosto de olhar penetrante emoldurado pelo cabelo negro, destacando-se a mancha branca e cinza da camisa. Este óleo surge na continuidade de outros autorretratos bem executados a carvão e grafite entre 1945 e 46, ano em que chega a Portugal vindo de Moçambique. [VER CAT. 1]

Nestes tempos Rui Filipe apresenta qualidades de referência, quer ao nível da expressão, quer ao nível das técnicas do desenho, como os conhecimentos de anatomia, a modelação e o sombreamento, que são fundamentais como suporte para a pintura. O *Retrato de Meu Irmão* (1950), um significativo retrato a óleo, onde representa o seu irmão António sentado numa cadeira no atelier, tendo do lado esquerdo uma mesa, livros e um pote com pincéis. A figura e o rosto contrastam contra o fundo escuro, iluminados em chapa de luz que modela as feições finas e enaltece o vermelho do pullover.³

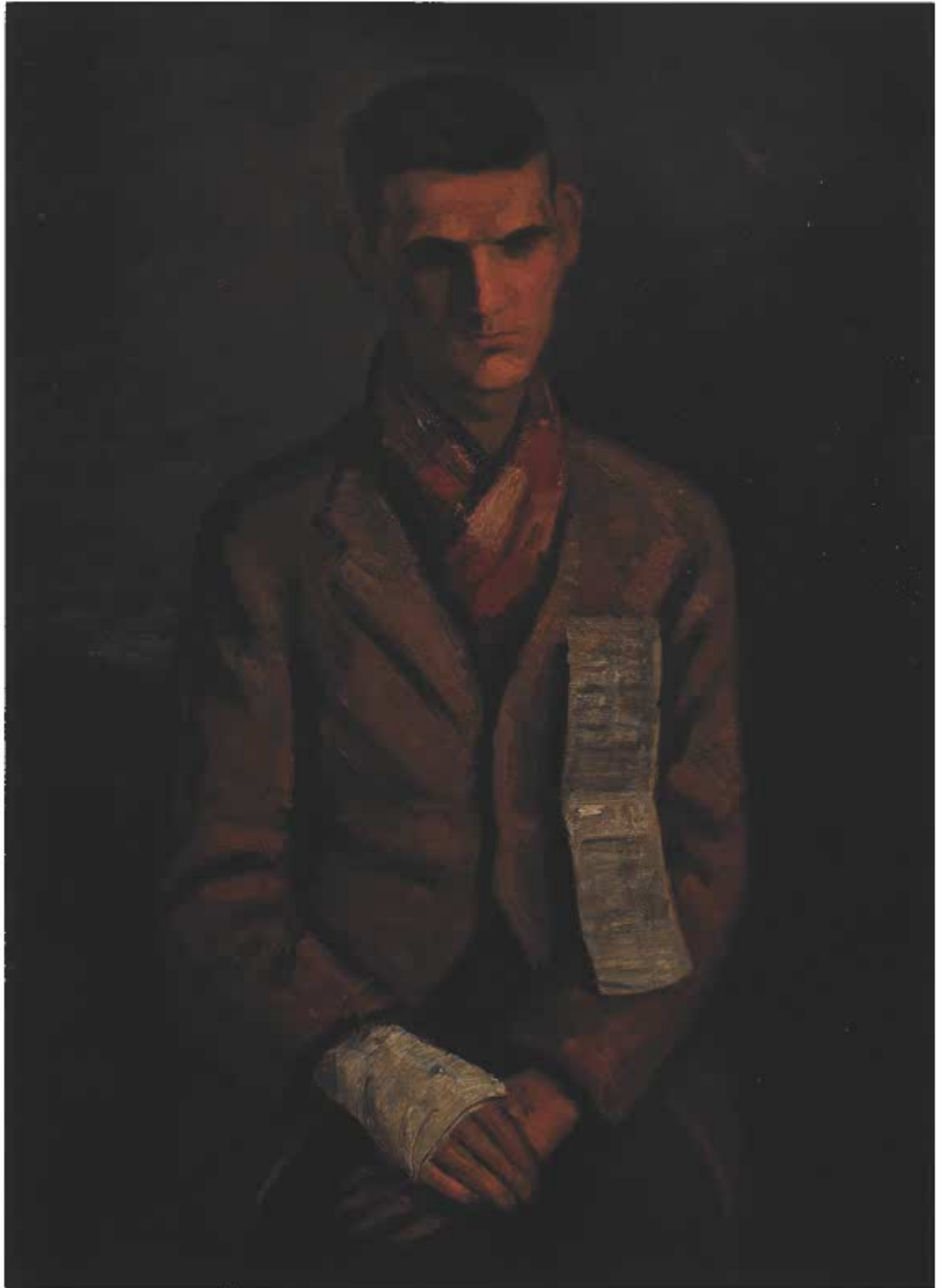
É por esta altura que deparamos com a continuidade do exercício do retrato e a presença de um sentimento *pitoresco* que acompanhava

³ Esta pintura não faz parte do elenco de obras desta exposição e pertence a uma Coleção Privada.



CAT. 26

O Velho Músico (1862) que representa um conjunto de figuras das quais se destaca o músico de etnia cigana. Esta temática de génese romântica integrava as preocupações de carácter social que sempre atravessaram a pintura de Rui Filipe, sendo que também eram partilhadas pelos autores do naturalismo e tardo naturalismo por razões diversas.



CAT. 57

Contudo no nosso entendimento da pintura de Rui Filipe, será ainda nas representações das paisagens de casarios que o salto da sua obra será dado de modo radical.

Numa memória afastada no tempo vem-nos a referência da obra *Casas de Malakoff* (1923) de Dordio Gomes, que depois de uma breve estada em Paris, dominando um cubo expressionismo ágil e empastado explorava volumes distorcidos e o espaço circundante. Mas as duas obras de Rui Filipe datadas de 1953 *Fuencarral* e *Casas de Paris*, tal como *Casas* de 1954 sinalizam um afastamento das problemáticas anteriores e a entrada plena no cubismo e na modernidade. Rui Filipe encontrava-se em Paris em 1952, e no ano seguinte frequentou a Academie Grand Chaumière, seguindo as pegadas de outros colegas portugueses como Botelho, Cesariny, Maria Helena Vieira da Silva e Milly Possoz.⁴

Fuencarral é uma obra fundamental para a compreensão desta viragem no percurso de Rui Filipe. É uma pintura poderosa feita de cores aplanadas, saturadas e de alto contraste, mas em que a distorção das formas origina uma antropomorfização das fachadas, dando vida ao casario pobre e amontoado de uma rua madri-lena.⁵ A pintura a óleo *Casas* (1954) – inicialmente intitulada *Place S. André des Arts* – apresenta uma vista quase de frente de uma praça retangular onde pequenas casas perfiladas se encostam a edifícios elevados. O pintor utiliza uma interpretação cubo expressionista, retorcendo alguns planos e cruzando pontos de vista, suportada por uma paleta mais fechada de cinzentos e azuis sombrios, e que iria ao encontro dos cinzas azulados das obras das últimas décadas.⁶ A pintura *Paisagem de Souselas*, um óleo de 1961 retoma em continuidade este mesmo tipo de procedimentos.

Nos anos de 1958-59 Rui Filipe iria ainda estudar com Reg Butler (1913, Buntingford- 1981, Hertfordshire) na Slade School.⁷ Enquanto escultor Butler investigou

⁴ Também a pintora Maluda (1934, Goa-Lisboa,1999) que viveu em Lourenço Marques (Maputo) e que fundou com mais quatro artistas o Grupo Independentes realizando exposições coletivas em 1961 e 1962 em Moçambique, veio a frequentar a Grand Chaumière entre 1964/67 com uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian.

⁵ Esta pintura foi presente ao *Prémio Jovem Pintura* da Galeria de Março (1954) organizado por José-Augusto França e viria a ser adquirida pelo Museu de Arte Contemporânea.

⁶ Cruz Filipe (1934, Lisboa) engenheiro de formação, iniciou em paralelo a sua carreira de pintor em 1955, apresentando pela primeira vez as suas obras numa galeria. Dez anos depois participou no *Salão da Primavera* da Sociedade Nacional de Belas Artes onde seria distinguido pelo júri constituído por Conceição Silva, Varela Aldemira e Agostinho Fernandes (representante do doador) com a atribuição da Bolsa Malhoa. Uma *Bolsa de Viagem* deixada pelo Legado José Malhoa e que distinguiu o melhor quadro apresentado neste Salão, a que os pintores se podiam candidatar no ato da inscrição. Curiosamente o quadro de Cruz Filipe intitula-se *Praça S. André des Arts* (1963) (Ver PÁG. 58) e apresenta o mesmo enquadramento da praça que Rui Filipe escolheu, numa paleta de tons surdos e de mancha fauvista. O contraste da luz advém de uma parede cega e de uma volumosa chaminé em vista frontal em manchas brancas que pontuam ainda um andar do lado direito da rua. Na pintura de Rui Filipe, o branco habita apenas uma fachada cega do edifício mais alto da praça, por detrás de todos os outros.

⁷ Reg Butler (1913, Buntingford-1981, Hertfordshire) foi assistente de Henry Moore e lecionou nas décadas de cinquenta e de sessenta na Slade School. Em 1953 foi o vencedor do Concurso Internacional patrocinado pelo



CAT. 28



CAT. 50

a escultura em metal criando estruturas leves e por vezes abstrato geométricas, ou ligadas à figura humana, em particular a feminina, assim como bronzes. As cabeças femininas em gesso, e gesso patinado realizadas entre 1955 e 1958 de Rui Filipe, que podemos ver na exposição são demonstrativas de uma aptidão para a escultura à qual não foi dada continuidade posteriormente.

Se bem que ao analisarmos o conjunto do reportório de Rui Filipe da década de cinquenta percebemos como a sua obra é parte integrante da pintura praticada nesse tempo, ao lado de colegas como Álvaro Perdigão, Nuno San-Payo, Rogério

Institute of Contemporary Arts dedicado ao Prisioneiro Político Desconhecido a que também concorreu Jorge Vieira (1922, Lisboa-1998, Évora) cujo projeto também foi exposto e premiado.



CAT. 80

Ribeiro, Júlio, Lima de Freitas e muitos mais, que tal como ele participaram nas Exposições Gerais de Artes Plásticas (1946-56).

Se bem que Rui Filipe apenas participou nas últimas duas Gerais em 1955 e 1956, é necessário afirmar que construía com modernidade e firmeza um estilo pessoal: o retrato (que sempre trabalhou: veja-se *Retrato de Toninho*, 1980, entre outros), a natureza morta e a paisagem, tal como o faziam os seus contemporâneos, e a figuração em grupo, tema que vem a expandir na pintura das décadas seguintes.

Ao longo desta aproximação à obra de Rui Filipe podemos constatar que é o silêncio e a distanciação através de um olhar filtrado que se vai manifestando nas pinturas cuja temática é o mar e a praia, a caminho da abstração quase total.



CAT. 85



CAT. 86

De igual modo a forma como as pinturas de grupo de figuras *Carrocel* (1960-61), *A Notícia* (1962), *Multidão*, (1962), *Leirosa, lota* (1972), *Manifestação* (1975) adensam a dimensão do observador social, esta nunca se sobrepõe à dimensão individual da condição do retrato, constituindo sem dúvida, aspetos definidores da sua obra.

Por esta via, talvez possamos encontrar esse compromisso entre o retrato expressivo e individual e o retrato de grupo nas pinturas *Mulheres de Negro* (1989) e *Nove Luas* (1980-90) que chamavam a si as mulheres enlutadas de lenço negro retratadas individualmente, ou apenas o seu rosto, como a pintura que deixou inacabada no seu atelier. De algum modo estas figuras femininas de olhos ameados e de rosto frontal, quase ícones da sua condição se tornaram distantes da realidade concreta dos primeiros retratos. O mesmo aconteceu com as paisagens que no final se despojaram do mar, da areia e dos barcos, para se tornarem extensões vazias, ou repletas de objetos de memórias perdidas (*Floresta Africana*, 1976), reinterpretação do pintor a seu modo, o mundo surreal de Yves Tanguy (Paris, 1910-Connecticut, 1955). E fechando estas palavras, ouvindo o silêncio das suas obras, talvez nos seja possível empreender uma aproximação à natureza da arte de Rui Filipe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Documentação do Museu do Neo-Realismo relativa à Exposição *Rui Filipe: em busca do Absoluto* gentilmente cedida pela Curadora Paula Loura Batista.
- O Prémio Malhoa*. Catálogo, Lisboa. Edição Instituto Português de Museus e Sociedade Nacional de Belas Artes, 2000. (Exposições realizadas no Museu José Malhoa em 2000 e Sociedade Nacional de Belas Artes em 2001).
- TAVARES, Cristina Azevedo - *A Atribuição da Bolsa Malhoa nos Salões da Sociedade Nacional de Belas-Artes*. Catálogo da Exposição *O Prémio Malhoa*. Lisboa: Edição Instituto Português de Museus e Sociedade Nacional de Belas Artes, 2000.
- TAVARES, Cristina Azevedo - *Pintura de Rui Filipe*. Ideias Arte, Marie Claire, junho de 1990. (Referente às Exposições na R75 e Galeria da Biblioteca Nacional).
- TAVARES, Cristina Azevedo - *Em Tempo de Nostalgia*. Lisboa: Edição Galeria ARA, 1996. (Prefácio da Exposição *Ecos do Silêncio*).
- www.vazquezdiaz.org (acesso em 27-5-2020).
- <https://www.goodmanfineart.com/artists/35-reg-butler/biography/> (acesso em 26-5-2020).